

GEBHARD RUSCH (org.)

*Empirical Approaches to Literature. Proceedings of the Fourth Biannual Conference of the International Society for the Empirical Study of Literature*  
IGEL, Budapest, [24-27] August 1994, Lumis-Publications, Siegen

1. A IVª Conferência da IGEL (Internationale Gesellschaft für Empirische Literaturwissenschaft) foi organizada por László Halász e realizou-se no Instituto de Psicologia da Academia Húngara de Ciências.

Dos trabalhos apresentados resultou um volume de quase 400 páginas que inclui: os discursos de abertura e de encerramento; o Prefácio do editor; 49 comunicações distribuídas por cinco capítulos, precedidos, com excepção do último, por «Introduções». Estas, dotadas de aparelhos intitulantes elucidativos estiveram a cargo dos investigadores que presidiram às secções de trabalho correspondentes: 1. «empirical»; 2. «literary system»; 3. «canonization»; 4. «emotion»; 5. «text». Um index onomástico e temático, que poderia ter sido completado por uma bibliografia, auxilia, ainda assim, ao esclarecimento dos caminhos percorridos neste IVº encontro da IGEL.

O elevado número de textos (56) e o modo como funcionaram as sessões de trabalho levaram-nos a optar pelo registo de notas de leitura em torno dos estudos que considerámos representativos das posições em discussão. Em boa parte das comunicações apresentadas foram retomadas questões anteriormente debatidas, nomeadamente na IIIª Conferência da IGEL (Memphis, 1992, por publicar) e em periódicos diversos. Mas, em Budapeste foi dada prioridade aos temas, que na perspectiva dos «empirically minded scholars», interessam a um melhor conhecimento das disciplinas e dos saberes a re-pensar, se pretendermos clarificar os conceitos, as razões e os afectos transversais à investigação e ao ensino da Literatura. Assim, a orientação educacional e didáctica de bom número de intervenções e a reafirmação da perspectiva histórica, ambas em consonância com os postulados da aplicabilidade e da historicidade que enformaram o modelo construído por Siegfried J. Schmidt (1980; 1982) constituem, na nossa leitura, os centros de interesse do volume em apreço.

2. A Conferência de Budapeste foi relativamente monopolizada por psicólogos e por sociólogos, o que permitiu comparar perspectivas e práticas que interessam às questões que preocupam quantos, em Portugal, se confrontam com a insularização teórica e metodológica que atinge os Estudos Literários e tem consequências dramáticas, em todos os níveis do nosso sistema escolar. Para podermos avaliar o alcance de uma grande parte dos estudos apresentados valeu-nos a clareza expositiva, a explicitação e a fundamentação de metodologias e de técnicas processuais. Acarretaram redundâncias, inevitáveis, mas permitiram-nos reagrupar temáticas dispersas, retomadas pelos intervenientes que intervieram em mais de um capítulo ou que desenvolveram estudos complementares.

3. A alocução inaugural de László Halász reveste-se de especial interesse. Em «IGEL-Seven Years Later» encontramos um esclarecedor historial do projecto, lançado por Siegfried J. Schmidt, com a fundação do grupo NIKOL (1972) e com a publicação de trabalhos fundadores

que suscitaram reacções e silêncios significativos quer na comunidade académica alemã, quer entre os estudiosos da Europa mediterrânea<sup>1</sup>. L. Halász, que acompanhou um percurso árduo e cautelosamente percorrido, acentuou o papel desempenhado pelas revistas *Poetics*, *Journal of Empirical Research on Literature, the Media and the Arts*, e *SPIEL* (Siegener Periodicum zur Internationalen Empirischen Literaturwissenschaft) na internacionalização da IGEL. Do mesmo modo, a publicação de trabalhos de maior envergadura, a realização de projectos conjuntos de investigação, as Conferências anteriores e encontros como o 1º Symposium Internacional da Igel, realizado no âmbito do 2º Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, em 1994, têm contribuído para a realização do projecto inscrito no subtítulo da revista *Poetics*. Ainda assim, há metas por alcançar, e objecções pertinentes a formular, nomeadamente no que respeita à abundância teórica em face da relativa escassez da investigação experimental capaz de validar a Ciência Empírica Literatura (CEL) como primeiro foi designada por defensores e críticos. Assim, tratando-se de prosseguir a construção de plataforma de entendimento em que poderão cruzar-se «... epistemology-methodology and historical-sociological-psychological findings» (p. 12) uma tendencial secundarização da teoria em nome de alegadas urgências práticas deve ser ponderada. Assim o exige a investigação interdisciplinar que implica responsabilidades acrescidas no plano da reflexão teórica e metateórica. Halász interroga-se, também, sobre a fase em que o «Estudo Empírico Literatura» (EEL) acolheu o «construtivismo radical» gerando um alegado reducionismo epistémico que veio ameaçar a possibilidade de um diálogo profícuo entre saberes diversos. É uma questão em aberto. Lembraremos, contudo, que esta designação deve ser lida com a cautela premeditadamente dispensada pelos investigadores de Siegen. E lembraremos, também, que a reflexão epistemológica e teórica fundadora do EEL passa, declaradamente, pela teoria analítica da Ciência, pedida a Wolfgang Stegmüller e a Joseph Sneed, integra as propostas de Humberto Maturana e Francisco Varela e, enfim, o conceito de sistema avançado, em 1970, por Niklas Luhmann. Foi a partir deste quadro que os investigadores sediados em Bielefeld e, posteriormente, em Siegen desenvolveram, criticamente, o modelo inicial em direcções várias. Hoje, pode verificar-se a conversão da IGEL num lugar de colaboração transdisciplinar, assumindo riscos e desafios com determinação e muito estudo. Assim, se, desde 1987, tem sido possível um raro diálogo entre «literary scholars» e especialistas de diversas áreas (linguística, Psicologia, Sociologia, teorias do Conhecimento, da Comunicação e dos Media) muito se deve à tenacidade dos investigadores que, durante mais de 20 anos, procuraram vias alternativas para os Estudos Literários. Por isso, a terminar a sua alocução L. Halász, esboçou um vasto programa em que avulta a necessidade de desenvolver procedimentos conducentes à consecução da mais difícil das tarefas: o entendimento dos textos literários e daqueles que (talvez) nunca venham a ser literários. Neste quadro, os modelos aplicados à redefinição dos conceitos básicos de Produção, Mediação, Recepção e à formulação da teoria do Post-processamento ou Transformação literários estruturam a consideração de domínios de actuação individual e colectiva no sistema específico Literatura, individualização pelas convenções Estética e da Polivalência. Como previsto, têm vindo a ser sujeitos a uma revisão crítica, em curso, que podemos seguir através dos estudos publicados ainda nos anos 80. Trata-se, grosso modo, de alargar o campo de aplicação dos modelos que configuram um paradigma teórico complexo, minuciosamente explicitado através de um metadiscorso rebarbativo, «defeito» compensado pelo rigor intelectual e pela meridiana clareza com que foi construído.

O texto do actual presidente da IGEL, Steven Tötözy de Zepetnek («IGEL – Aims and Perspectives for 1994-1996») sublinha o «estado dos Estudos Literários» e especifica algumas das vias possíveis da sua reafirmação: solicita, também, alguns comentários a propósito da

designação: «systemic and empirical approaches to literature», SEAL, aceite pelo grupo de Siegen, na medida em que traduziria, com maior exactidão, trabalhos e projectos da IGEL, incluindo os que se identificam com perspectivas e metodologias comparatistas. Para nós, a recuperação da quase perdida legitimidade social dos Estudos Literários, desde sempre propugnada pelo EEL, não depende, substancialmente, desta designação programática, exigida pela necessidade de classificações precisas, como resposta à turbulência epistemológica, científica e tecnológica que marca o dobrar do milénio. Assim, por clarividentes e fundamentadas que sejam as observações aduzidas (por ex. S. Tötözy de Zepetnek, «Comparative Literature and Systemic/Institutional Approaches to Literature», 1994 e «The Narrow Margins of Innovation in Literary Research» e «Siegfried J. Schmidt's Proposals for the Empirical Study of Literature» de H. Verdaasdonk e K. van Rees, 1992), a promoção do EEL, que deve ser assumida sem complexos, passará, antes, pela clarificação dos sentidos e dos valores atribuídos aos conceitos que transferimos, nem sempre avisadamente, para a nossa disciplina. Efectivamente, o défice teórico e metateórico inegável em áreas novas (e antigas) nos Estudos Literários tende, paradoxalmente, a materializar-se em periódicas «explosões/implosões» teóricas. Neste contexto, convirá atentar nas consequências da co-presença de termos como «empírico» e «sistémico», para designar um modelo profundamente marcado pelo pensamento construtivista. Se, confessadamente, no hemisfério Norte, os dois primeiros suscitam rejeições, por científica e/ou politicamente incorrectos, a recusa liminar poderá ser inultrapassável em outras comunidades académicas, nomeadamente se surgirem títulos como: «Do texto ao sistema literário. Esboço de uma Ciência da Literatura Empírica Construtivista» que desfigura um importante estudo de S. J. Schmidt, incluído num volume colectivo editado em 1989 (Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro). Efectivamente, o diálogo entre os possíveis do saber no quadro do chamado paradigma do imaterial, exigirá aturada reflexão e a máxima clareza possível na explicitação desta nova etiqueta que sublinha a importância da abordagem empírica e/ou sistémica da Literatura como sistema singular de co-operação comunicacional. Caso contrário, o EEL poderá imobilizar-se na discussão metateórica. Ora, reconhecida a obrigatoriedade de uma investigação continuada e consistente, visando a elaboração de teoria Geral dos media, em que a literatura tem todo o lugar, deveremos ter em mente que o modelo metateórico em que se funda o EEL, nomeadamente no que respeita à teorização de raiz maturaniana, não se compadece com o empréstimo (ou a bem intencionada pilhagem) de conceitos avulsos, na exacta medida em que consente as reinterpretações globais devidas a Niklas Luhmann, a Peter Hejl e a Gebhard Rusch, entre outros. O futuro dirá do resultado desta «novidade» no desenvolvimento de um modelo que tem procurado evitar quer a rigidez teórica, quer as interpretações definitivas.

4. Nos espaços «comunicantes» construídos neste volume encontramos o rasto de alguns dos tópicos acima tocados. Assim, temos: os capítulos: «Empirical», que abre com um texto provocatório de Steen P. Larsen seguido de uma arguta síntese de Reinhold Viehoff (v. «Empirical» – What does it mean in IGEL Studies?); «Literary System», introduzido por comentários de Peter M. Hejl, Paisley Livingston e Gebhard Rusch, que organizam um exemplar confronto de perspectivas (v. «Systems-Theories in the Humanities»); «Canonization», apresentado por Andreas Poltermann (v. «The Study of Canon from an Empirical Point of View»); «Emotion», precedido de «Discussion Paper for Workshop on Emotions» assinado por (Gerald C. Cupchik); o último capítulo, TEXT não tem introdução.

Os temas e problemáticas discutidos em «Empirical», nomeadamente a leitura do EEL no quadro do Construtivismo de fonte maturaniana S. J. Schmidt, («What Can 'Empirical' Mean in

a Constructivist Context? 20 Considerations») desenvolve uma argumentação inatacável no quadro epistemológico que defende. O autor postula a aceitação de graus de empiricidade (W. Balzer) rejeitando as teorias dualistas que tem vindo a questionar em trabalhos recentes, pouco conhecidos (v. «Beyond Reality and Fiction? The Fate of Dualism in the Age of Mass Media», s.d., e «'System' and 'Observer': Two Key Concepts in (Future) Literary Studies», 1994). Numa linha paralela, assinalaremos o texto de Gebhard Rusch (The Notion of «Empirical»: Knowing How»), que peca por uma argumentação cerrada, dificilmente decifrável por quem ignore os pressupostos desenvolvidos por este investigador, nomeadamente na área da Historiografia Literária, em que se inscreve esta proposta: «From an empirical standpoint, a major imperative, would be a post-classical research program explicitly situating various modes or domains of discourse in a unified continuum from the most 'ordinary' conversation to the most avant-garde poetry» (p. 101).

Em sintonia crítica com G. Rusch e S. J. Schmidt salientamos a reflexão de R. Viehoff («Literary Genres as Cognitive Schemata»). assente no quadro teórico do EEL, e testada «no terreno», é apresentada com meridiana clareza para os investigadores que, informados sobre o aparelho conceptual que lhe subjaz, se ocupam da inesgotável problemática dos géneros literários e da teoria da narrativa, que este investigador tem vindo a privilegiar. Em certa medida, David Fishelov («Studying Literary Genres: The Empirical Angle», pp. 84-88) partilha com R. Viehoff a opção pela flexibilidade metodológica, como se infere da intervenção em defesa de um estudo empírico dos géneros literários a partir da afirmação que transcrevemos:

My definition [...] of «empirical» here is a minimalist one. [...] It enables us to incorporate into the empirical perspective certain useful observations and study that was done from other perspectives; and secondly, we will be able to avoid disappointment if the maximal goals are not achieved (p. 84).

A comunicação de R. de Beaugrande («The Study of Literary Communication in 'Post-Classical' Theories of Language and Discourse») terá visado o reforço urgente do diálogo entre os defensores de uma epistemologia construtivista e os «hard [social and psychological] scientists» (S. Larsen, pp. 24-26) que dificilmente aceitam a maleabilidade conceptual e metodológica exigida por um relativismo vigilante. Ficou a advertência:

From today's standpoint «pure» science seems dangerously myopic. [...] It would be deplorable if such a stance impelled the Empirical Study of Literature to neglect a historical opportunity we may never see again (p. 99).

As comunicações de Schmidt, Rusch e Beaugrande, se não foram ignoradas, terão provocado algum desconforto entre os defensores de fronteiras estanques entre os géneros do discurso que legitimam e hierarquizam a actividade dos sistemas humanos (sensu Maturana). Tratando-se de uma discussão antiga, a inquietação é curiosa, se considerarmos os postulados recentemente defendidos por membros da IGEL. Referimo-nos a David Vipond e Russell Hunt, que não enjeitaram o programa formulado por G. Rusch. Registe-se, contudo que os estudos em que aqueles investigadores, que têm vindo a explorar a teorização bakhtiniana acerca dos géneros do discurso são quase ignorados, em proveito de trabalhos fundadores, convocados nesta Conferência.

As comunicações que preenchem os capítulos intitulados «Literary System» e «Canonization» merecem leitura atenta. A. Poltermann introduz a temática do reconhecimento social e justifica a necessidade de estudar os fenómenos de canonização numa perspectiva empírica, capaz de justificar e apoiar o direito de livre manifestação cultural às minorias já capazes de

reivindicar «... equal rights of cultural self-expression and cultural participation» (p. 188). Mas acentua, apoiado em pesquisas recentes:

... on the one hand literary participation can be conceived of as part of a socio-cultural process of emancipation, which is set into being, by the experience of, injustice of need. On the other hand [...] there are strong indications that the postmodern western society is interpreting itself as a society of plenty, and its individuals are no longer willing to take into account the experience of need meaningful for themselves. As to the literature [...] it is not meaningful by virtue of its content but by being communicated as information in an eventful ritualistic communication whose agents [...] try to confirm themselves and get recognition by others (p. 191).

Os trabalhos apresentados nas secções em apreço completam-se, já que incluem intervenções de intento teórico e descritivo a que subjaz a problemática da historiografia literária que, necessariamente, implica o estudo dos processos de canonização no presente e no passado, como se pode concluir pelo teor das 17 intervenções apresentadas nos dois capítulos.

No âmbito de um conceito de canonização flexibilizado pela força das coisas, surgem análises argutas e fundamentadas, de que destacamos «Privilege and the Politics of Recognition» (M. Hjort) que aborda o problema do reconhecimento internacional da produção cinematográfica de países como a Dinamarca. J. Hakemulder («What Literature Does to Society. The Effect of a Life-Style Component») estuda a influência nos comportamentos mediatos desencadeadas pela «exposição continuada à ficção impressa». O autor convoca Lawrence Kohlberg e investigadores ligados ao estudo do chamado «desenvolvimento moral» (*moral growth*) uma perspectiva, que subscrevemos. Os resultados apresentados por Hakemulder confirmariam os efeitos da leitura nas condutas que designa como «moralmente vanguardistas». E podem ser cotejados com os dados apresentados por M. Keilson-Lauritz («The Making of the Gay Canon») que re-constrói o processo da formação de um corpus de textos literários e médicos que promoveram o movimento «gay» nos seus primórdios.

Num domínio da literatura infantil, M. A. Carlsson analisa o processo da formação da «biblioteca infantil» dirigido por pais, professores e bibliotecários («From Max to Mio. The Canon of Children's Literature in Swedish Preschools»)

A abrir a secção intitulada «Literary System (sic)», P. Hejl, P. Livingston e G. Rusch não hesitam em afirmar:

Despite the somewhat mystifying nimbus of systems theory, its basic concern [...] is with the properties and behaviors of composite wholes (networks), i.e. of wholes that result from the interactions of their parts [...]. Depending on the epistemological position taken by the theorist, the description of systems can be related to ontologically «given» and/or to perceptual or cognitive complexes analytically defined as entities.

As systems concepts can be used as a kind of abstract language (at least as long as the relation between the systems concept and the explanatory purpose is maintained), they may be useful in interdisciplinary co-operation (pp. 115-16, itálico nosso).

Não terá sido esta a metodologia seguida por todos os participantes, mas o seu entendimento, mesmo difuso, acrescentou uma dimensão abrangente à descrição de B. Cha («Literary Communication and the Reception of Foreign Literature – Reception and Concretization of 'Critical Realism' in Korea») e à minúcia factual que sustentou a apresentação de «Recent Tendencies of

the Literature-System in Japan» (T. Ohtaki). Já a intervenção de Zepetnek («Systems Thinking in North American Literary Studies») que enveredou pela problematização dos processos recepcionais do discurso teórico em meio académico. Desenvolvendo tópicos focados na alocação acima mencionada, deixou bem clara a insuficiência teórica que transparece em numerosos trabalhos de investigadores que, ignorando postulados já sistematizados na SEAL, os aplicam parcialmente ou os rejeitam sem outra forma de processo. Este estado de coisas pode redundar nas impossibilidades comunicacionais consideradas por N. Luhmann o que impedirá a discussão intersubjectiva entre investigadores divididos entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais, de fresca reinvenção. Por outro lado, todos conhecemos as consequências fastas e nefastas dos transplantes epidémicos de termos e conceitos desgarrados, pedido às Ciências «duras». Assim, para os investigadores que rejeitam, ou assumem, de caso maduramente pensado, a opção construtivista, com as consequências teóricas e metodológicas que afectarão as abordagens sistémicas e/ou empíricas da Literatura pode dizer-se que o passo seguinte consiste na clarificação do quadro assim traçado por Zepetnek:

... systems thinking, both in strictly focusing on systems theories and including the empirical tenet is gaining ground in [...] scholarship and theory.[...] It should be noted, however, that while this development is to be followed, what most theoretical frameworks are lacking and where the systemic and empirical approach is yet to be surpassed is the postulate of operationally and functionality of the systemic and empirical approach (p. 136).

No que respeita à abordagem sistémica aplicada à historiografia literária, este capítulo inclui cinco comunicações que solicitariam um estudo à parte. Assim sublinharemos apenas que a linha de clivagem entre as parece passar pela inteligente defesa das posições de N. Luhmann. H. de Berg («Empirical Science of Literature, Literary Historiography, and the Problem of Textual Analysis») e M. Prangel («Can Written Texts «Speak» to Us? Historical Contextuality and the Problem of Understanding Texts») fazendo depender da teoria luhmanniana dos sistemas a solução de dois dos problemas mais complexos dos Estudos Literários, como se pode inferir destes títulos programáticos.

Em larga medida, a resposta a algumas das pertinentes questões levantadas por aqueles investigadores pode ler-se no estudo de A. Barsch que esclarece pontos nevrálgicos na necessária reperspectivação do modelo inicial do EEL («The literary System and its System Theoretical Construction – The Case of Levels of Action»). O autor revê os conceitos fundadores do EEL tendo em conta as actividades insusceptíveis de satisfazer às condições consignadas no modelo de Schmidt. De uma confutação fundamentada resulta o conceito de actuação metaliterária, que poderá resolver uma das insuficiências que, em certa medida, hipotecam a aplicação do EEL nomeadamente ao estudo de determinados desempenhos, imprescindíveis à mediação e ao Post-processamento/Transformação dos textos literários.

Mais próximos do EEL dos anos 90 encontram-se ainda B. Welzel e U. Meyszies, autores das comunicações intituladas, respectivamente, «Programmatic Discourse and Film Production in the German «Third Reich» e «Literary Systems in Modern Society. The two German Literary Systems before the Wall Came Down». Uma terceira posição, reconciliadora, se a cotejarmos com as dos defensores do conflito obrigatório, é a de Niels Werber («Evolution of Literary Communication instead of Social History of Literature»). O autor usa da terminologia e dos conceitos de H. Maturana, tendo igualmente em conta a teoria dos sistemas como instrumento heurístico que lhe permite apresentar um estudo comparativo do chamado romance gótico na Alemanha e em Inglaterra.

Finalmente, Trevor Ponech («Literature and the Social-Psychology of Violence») considera que «the appropriately guided readings of literary works can be of positive value to the disciplined production of true and justified beliefs about human realities» (p. 164) pode contribuir para a resolução de problemas que detecta na psicologia social. Apoiando-se, declaradamente, da filosofia analítica, o autor aproxima-se da posição defendida na primeira fase do EEL, e hoje particularmente questionada. Partilhamo-la com reservas, até pela formulação, mas não a recusaremos se, como defende o autor, a problemática da «agressão» puder ser abordada pela via dos universos de invenção, tal como são construídos pela narrativa de construção clássica. Dito de outro modo o texto literário pode fornecer a outras disciplinas as perspectivas de que, por vezes carecem, como ficou sublinhado a propósito da insuficiência psicologia social sobre este tema.

Como dissemos, as comunicações que encontramos, nomeadamente, nos capítulos «Emotion» e «Text» devem-se a psicólogos como W.F. Brewer (caps. 1 e 4) ou D. S. Miall e D. Kuiken, caps. 1, 4 e 5). Ora, mesmo se alheios ou indiferentes à fundamentação teórica que esteve na base do EEL, apostam na Literatura como saber e como fazer para validar o trabalho experimental realizado na sua disciplina, é nossa convicção que as ciências humanas têm tudo a ganhar com este tipo de projectos, ainda incipientes. Por outro lado, surge a necessidade de recorrer à Teoria da Literatura, o que suscita alguma reserva quanto à forma como foi implícita e explicitamente convocada, através de personalidades tutelares como Roman Ingarden, Stanley Fish, Jonathan Culler, Wolfgang Iser. Efectivamente, a intenção de, por essa via, reduzir «... the influence of investigator preconceptions on the characterizations of reader experiences» (p. 51). corre o risco de ser entendida como uma manobra primária de substituição de pressupostos em nome de uma questionável objectividade (veja-se, por exemplo, «Procedures in Think Aloud Studies: Contributions to the Phenomenology of Literary Response», D. Kuiken e D. S. Miall: 50-59). Já na segunda das comunicações dos mesmos investigadores («Feeling and the Three Phases of Literary Response», pp. 282-90) as teorias de S. Coleridge, de V. Shklovsky e de W. Iser são directamente convocadas, em abono do constructo designado como «as três fases da resposta literária» que é convincentemente explicado e comprovado (tanto quanto a complexidade dos processos da compreensão pode ser observada e quantificada). Entretanto, na nossa leitura, a ilustração dos benefícios da abordagem empírica da narrativa, encontra-se na segunda comunicação de W. F. Brewer («The Problem of Rereading for Theories of Story Enjoyment»). Aí se questionam pontos de vista correntes, na prática quotidiana como na indagação científica, quanto aos processos subjacentes à releitura de narrativas, independentemente da sua «qualidade literária». Em nosso entender as teorias ditas de «story enjoyment», tidas por inadequadas ou insuficientes pelo autor não são facilmente descartáveis, mas é inegável que a «structural-affect theory» ora defendida vem enriquecer os estudos de *reader-response*, nomeadamente pela aplicabilidade em situações clínicas e escolares. Para além disso, o estudo terá compensado as perplexidades suscitadas pela sua primeira intervenção, intitulada «Discourse Forces and Empirical Studies of Literature».

Directa ou indirectamente, uma parte muito considerável das intervenções publicadas pronunciam-se sobre os muitos papéis desempenháveis pelos intervenientes (activos e passivos) em práticas diversas que implicam conceitos explícitos ou implícitos do que pode ser a Literatura como saber e como fazer. Neste domínio salientaremos a observação experimental dos efeitos, na leitura literária, de técnicas e dispositivos textuais vários. Em termos globais observa-se que a problemática dos processos recepcionais congrega agora as atenções dos especialistas que a submetem à investigação empírica, organizada em torno de dois vectores: a) os modos e as

consequências da intervenção dos especialistas institucionalmente credenciados, e, aparentemente identificados com as comunidades de pertença, constituem o fulcro de seis comunicações de que destacamos: «The Effect of Critical Attention on Debutants' Career» de K. van Rees; «What the Expert Performance Reveals about the Literary System», de B. Graves e A. Renaud; «Canon Formation in Contemporary Studies. An enquiry into How Novel Writers since 1960 become canonised», de Stephen Bonycastle; b) as técnicas narrativas e o papel que desempenham na leitura e na adesão/rejeição dos leitores foram focados por P. Dixon e M. Bortolussi («The Reader, the Narrator and the Characters: A Cue-Interaction Model of Characterization», que concluem: «... our approach represents an advance over standard scholarship on narratology [...] we are concerned with the way in which the narrator is processed by the reader, rather than with systematic descriptions of features of the text associated with narrative technique»; a comunicação intitulada «Narrative Complexity and Emotional Involvement. Differences between Expert and Non-Expert Readers» (Els Andringa) analisa as incidências da chamada distância narrativa (G. Genette e S. Chatman) na resposta dos leitores. Independentemente da interpretação, apressada, das categorias narratológicas em apreço, interessa sublinhar o papel positivo da competência literária na capacidade de fruição estética (l.s.) e as diferenças entre as estratégias de leitura entre dois tipos de leitor.

Inútil será acentuar que estudos deste tipo fornecem ampla matéria para reflexão e não poucos modelos passíveis de aplicação nos Ensinos Básico e Secundário, pelo menos. Efectivamente, e mesmo que a interdisciplinaridade, assim ilustrada neste volume, não seja a panacea definitiva e universal, acreditamos que o questionamento das «evidências» teóricas, culturais e historiográficas em circulação acompanhado de uma desmontagem conseqüente dos processos gerados pela leitura acrítica das vulgatas estilísticas, narratológicas e gramaticais poderia resultar. Em nosso entender, urge libertar o «Português» do clima pantanoso a que, com algumas excepções, parece estar a acomodar-se, com conseqüências facilmente previsíveis.

Mas, regressando ao trabalhos em apreço, notaremos que as teorias transaccionais da leitura são claramente privilegiadas. As conclusões de E. Andringa, acima referidas, confirmam os resultados descritos no trabalho de E. M. Thurt e A. Friedlander («The Impact of Expertise: The Role of Experience in Reading Literary Texts») no qual os autores procuram elucidar o que chamam «mature reader response» através da comparação entre discursos periciais sobre textos literários de complexidade composicional variável e os discursos produzidos por estudantes em início de formação. Por outro lado, os resultados elucidam alguns dos mecanismos da leitura interpretativa inevitavelmente praticada pelos peritos que integrariam as comunidades literárias em meio académico:

The text transactional behaviors [...] result from the shifting conceptual and linguistic landscape» that [...] that fluent readers have to compensate for as they maintain a «constant state of cognitive vigilance as to what is happening, what the text is about.

Pela proximidade conceptual consideraremos o texto apresentado por János László («Processing Modality in Literary Narratives») que desemboca na caracterização da narrativa literária como instrumento cuja função primordial residiria na construção de «a story world and in relating the readers to that world». Neste processo são convocadas as chamadas convenções literárias (l.s.) capazes de «abolir automatismos conceptuais» inibidores do que chamaríamos a livre leitura, frequentemente cerceada na instituição escolar. Neste trabalho, o autor sublinha a necessidade de reformular/recuperar conceitos como: «literariedade» definida «... as a matter of mutually accepted literary intention» (S. J. Schmidt, 1982, 1992) e de considerar modalidades diferenciáveis

de processamento textual. Assim, os modos de ler 'pela informação' 'pela intriga' ou 'pela narrativa' são praticados em contextos diversos e governadas por intentos vários. Não são mutuamente exclusivos, nem correspondem a uma qualquer hierarquização pressuposta pelo investigador:

[R.] Hunt, following Rosenblatt (1978) e Bakhtyn (1981), suggests that the literary reader gets into a transactional or dialogic engagement with the text, and the reader brings into the «dialogue» whatever [is] socially and emotionally relevant to her (sic).

As conseqüências desta posição, partilhada por alguns investigadores ligados à IGEL, são questionáveis, mas apontam, sem dúvida, para a reconsideração do autor, pouco estudado no EEL, em conseqüência de uma declarada e justificada preocupação com os processos da leitura e do entendimento dos textos.

Na IVª Conferência da IGEL tudo indica que a secção dedicada ao estudo empírico dos textos literários terá sido aguardada com alguma expectativa, tendo em conta a inegável escassez de trabalhos realizados, nesta área, por membros da IGEL. Neste último capítulo, a ausência de «introdução» é amplamente compensada pelo trabalho de Willie van Peer («The Empirical Study of (Literary) Texts») que, a propósito do conceito de literariedade, demonstra, irrefutavelmente, a importância dos «factos» na investigação empírica, deixando um aviso que colocando esta comunicação no centro dos diferendos que afastam as «hard sciences» das «soft sciences» responde a objecções e dúvidas persistentes, desde 1987, entre os membros da IGEL. As palavras são do filósofo da ciência J. Ziman:

... in practice, [...] almost every theory is to some extent «falsified» by the relevant observations: the question then hinges on whether this failure is to be treated as a genuine objection, or whether, pending conceivable improvements in formulation or computation, it may be temporarily overlooked.

A esta comunicação segue-se um contributo de especial importância para o EEL, que, só por si, mereceria um estudo que levasse em linha de conta os estudos anteriores de Norbert Groeben e Margrit Schreier sobre a convenção da Polivalência. Lamentando a falta de traduções dos trabalhos do primeiro, ficamo-nos pelo título: «Descriptive vs. Prescriptive Aspects of the Concept of Literature (Taking the Polyvalence Convention as an Example)». As restantes comunicações fornecem a ponderada reflexão de que é exemplo o estudo de J. László que acima referimos.

Em suma, a componente emocional que está no âmago das razões que nos levam a ler, ocupando desde há décadas o centro das preocupações de Psicólogos e de Sociólogos, pode trazer achegas importantes ao desenvolvimento das competências passíveis de estimular a fruição da leitura literária. Na verdade, as intersecções temáticas entre este capítulo, consagrado ao Texto, e o capítulo precedente, que estuda as razões das emoções, constituem-no como um subconjunto teórico, especialmente pertinente para docentes e investigadores da literatura e da cultura.

5. A leitura destas Actas deixa prever que a IGEL prosseguirá a reflexão sobre os temas nelas estudados, sem prejuízo do aprofundamento teórico e metodológico nas áreas de trabalho que interessam ao estudo da nossa disciplina. Na nossa visão, coincidente com a de R. Vieoff (p. 27) a cooperação transdisciplinar que justifica, em última instância, a existência da IGEL, passa, na comunidade académica, pela compatibilização dos discursos teóricos cuja divergência pode e deve ser rendibilizada. Aguardemos a Vª Conferência da IGEL que se realizará ainda este ano.

Estamos em crer que os construtivistas inabaláveis quererão «explicar-se» e que cientistas unidimensionais resistirão ao «realismo ingénuo» e à objectividade a qualquer preço, que poderão desembocar num qualquer neopositivismo, talvez à nossa espera na próxima esquina.

<sup>1</sup> Cf. *Grundriss der Empirischen Literaturwissenschaft*, Bd. 1. *Der gesellschaftliche Handlungsbereich Literatur*, 1980, Braunschweig-Wiesbaden, Vieweg, (Foundations for the Empirical Study of Literature. The components of a basic theory, trad. Robert de Beaugrande, 1982, Hamburg, Buske e *fundamentos de la ciencia empírica de la literatura*, 1991, Madrid, Taurus); e *Grundriss der Empirischen Literaturwissenschaft*, Bd. 2 *Zur Rekonstruktion literaturwissenschaftlicher Fragestellungen in einer Empirischen Theorie der Literatur*, 1982, Braunschweig-Wiesbaden, Vieweg).

Rosa Esteves

SILVINA RODRIGUES LOPES  
*A Legitimação em Literatura*  
 Lisboa, Cosmos, 1994

*A Legitimação em Literatura* edita a tese de doutoramento que Silvina Rodrigues Lopes apresentou e defendeu na Universidade Nova de Lisboa, em 1993, com o título «O Problema da Legitimação em Literatura».

1.

O problema é desde o início referido à «exigência generalizada de justificação que surge na história do Ocidente com o advento da modernidade. Aplicada à literatura, a exigência de justificação dá lugar a uma contradição irresolúvel, a de se pretender afirmar do interior da racionalidade a possibilidade de um domínio que se subtrai à sua determinação» (9). Este problema, que a autora ligará historicamente ao próprio processo de institucionalização da literatura, na modernidade, será nesta obra um motivo-guia que se desdobra e correlaciona numa constelação de questões: a questão de «o que é a literatura?»; a da autonomização e secularização do estético e das diferentes esferas do mundo da cultura; a questão das relações entre filosofia e literatura; a questão do sentido; a questão da ciência, da interpretação e da teoria da literatura; a questão da experiência e do ensino da literatura.

Sinal da auto-consciência que no texto se revela, a exposição defronta a dificuldade do problema, o carácter contraditório e historicamente aberto da exigência de justificação da literatura, procurando uma organização que expressamente se apresenta como não-linear, quer no sentido narrativo, quer argumentativo. Na conclusão, poderá referir com rigor aquilo que fez ao escrever: «aquilo que se faz quando se aborda um problema é partir de leituras, relançá-las, confrontá-las, abrir o caminho da singularidade de um dizer» (629).